

ENTREVISTA COM JULIO CONTE¹ COM CONTRIBUIÇÕES DE AMADEU DE OLIVEIRA WEINMANN² E LIÈGE HORST DIDONET³

INTERVIEW WITH JULIO CONTE WITH CONTRIBUTIONS OF AMADEU
DE OLIVEIRA WEINMANN AND LIÈGE HORST DIDONET

ENTREVISTA CON JULIO CONTE CON CONTRIBUCIONES DE
AMADEU DE OLIVEIRA WEINMANN Y LIÈGE HORST DIDONET

– PARA COMPOR A ENTREVISTA DESTA EDIÇÃO, CONVIDAMOS O PSICANALISTA E DRAMATURGO JULIO CONTE (JC), QUE NA ÚLTIMA EDIÇÃO DO PORTO VERÃO ALEGRE NOS BRINDOU COM O ESPETÁCULO *AQUILO QUE NOS AMANHECE*. APÓS UMA DAS APRESENTAÇÕES, A SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA, REPRESENTADA PELA PSICANALISTA MARTINA DALL’IGNA DE OLIVEIRA, MEDIOU UM DEBATE COM COMENTÁRIOS DE LIÈGE HORST DIDONET (LD) E AMADEU DE OLIVEIRA WEINMANN (AW), ALÉM DO PRÓPRIO JULIO CONTE E PARTE DO ELENCO. COMO INTRODUÇÃO À ENTREVISTA, AMADEU E LIÈGE COMPARTILHAM DE SUAS EXPERIÊNCIAS COMO ESPECTADORES E, APÓS, JULIO RESPONDE ÀS PERGUNTAS ELABORADAS PELA COMISSÃO EXECUTIVA DA *SIG REVISTA* (SR).

AW – *Aquilo que nos amanhece* é uma peça teatral criada e dirigida pelo psicanalista Julio Conte, inspirada no livro *Mínimos múltiplos comuns*, de João Gilberto Noll. Da literatura de Noll, Conte extraiu a ideia de microcontos, originalmente publicados na *Folha de S.Paulo*, em uma pequena coluna intitulada, não por acaso, “Relâmpagos”. Trata-se de flashes do cotidiano em sua breve fulguração. Fragmentos narrativos que se apagam justamente no momento de sua maior intensidade. Como escreve Foucault, em *A vida dos homens infames*: “o ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas”.

Na transposição da linguagem literária para a teatral, Conte apresenta oito histórias curtas, que se interrompem, se entrecruzam e compõem uma (quase) narrativa bastante fragmentária – o que angustia o espectador, em sua busca de compreensão. Não há personagens, no sentido de uma construção psicológica acabada, e a encenação é intensamente dramática (não realista). Porém, a invenção mais genial de Conte concerne ao uso da iluminação. A fim de explorar a ideia de fulguração, a peça ocorre na escuridão. Cada ator/atriz porta uma

¹ Psicanalista, diretor de teatro, ator, dramaturgo e etc. Escreveu e dirigiu várias peças de teatro. Membro Pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre e Membro Fundador do Instituto WR Bion. E-mail: julioconte@me.com

² Professor do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do PPG em Psicologia Social e Institucional, ambos do Instituto de Psicologia da UFRGS, e diretor da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS. E-mail: weinmann.amadeu@gmail.com

³ Psicóloga, Psicanalista Membro Efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. E-mail: liegedidonet@gmail.com

pequena lanterna, que lança uma breve luz sobre um pedaço de corpo falante. O espectador vê-se lançado em uma espécie de inferno de Dante, alegoria dos tempos sombrios que esperamos deixar para trás.

Do ponto de vista psicanalítico, podemos dizer que *Aquilo que nos amanhece* remete ao que Lacan denomina “experiência do corpo despedaçado”. Somos reduzidos aos dois objetos constitutivos do estádio do espelho: olhar e voz. Tornamo-nos puro olhar, no movimento de penetrar as trevas e ensaiar extrair delas algum esclarecimento. Mas também somos capturados por vozes de corpos dilacerados, as quais não conseguimos vincular a uma totalidade orgânica e/ou psicológica. Por que a imersão estética no “escuro do nosso tempo” (para lembrar Agamben), no que isso tem de desagradador, seria aquilo que nos amanhece?

LD – O caro convite para escrever sobre como foi a minha vivência em *Aquilo que nos amanhece* – peça inspirada em contos de João Gilberto Noll e dirigida por Julio Conte – me leva para uma não distante noite de janeiro no SIG em Cena do nosso Porto Verão Alegre. Pelas escadarias da bela Casa de Espetáculos subiam colegas, amigos, toda gente embelezada pela alegria do encontro, ao vivo, cores e sons, com o teatro, a literatura, a psicanálise! No Café, abraços e algumas palavras trocadas sobre o desafio que tínhamos nos proposto Amadeu Weinmann e eu: sem ter lido os contos e nem o roteiro, assistir à peça pela primeira vez e logo, desde o lugar de psicanalistas, comentá-la junto com o elenco e demais espectadores... Assim *we all, merely players of life*⁴, lotamos a charmosa sala William Shakespeare dispostos a nos deixar impactar pela arte. E fomos! Extremamente!

Atores e diretor “tocaram no poema” como queria Noll lembrando o pedido de Walt Whitman. Tocaram na literatura do escritor e outras histórias. Estavam lá, no palco que se faz mundo, com lanternas procurando por si mesmos, encenando com seus corpos e vozes o que escreveu Emily Dickinson. Da escuridão profunda da plateia nos pegaram pela mão e nos colocaram epidermicamente junto deles, no palco... Ainda assim como desejava João Gilberto sobre a sua literatura tornar-se teatro. “Um sonhar em público.” “A capacidade dos atores, através dos seus personagens, encenarem essa verdade humana que é o momento” definia, poeticamente para meu gosto, o escritor.

Pois uma experiência quase onírica... O escuro da sala e de nós mesmos deixava entrar restos do dia... As lanternas externas acendiam a luz interna e, tal como no sonho, era como se pudéssemos ser ali, ao mesmo tempo, o sonhador e cada personagem da peça. De repente, desperta a censura, de volta à vigília, mais parecia devaneios o que ouvíamos. Quiçá um monólogo e até mesmo algum diálogo.

Qual fosse o processo vigente, prazer-desprazer e realidade atuavam brilhantemente em nós. E a expectativa desta espectadora-analisante-analista em lançar mão da associação livre e da atenção flutuante – regra fundamental – para “segurar-se” no seu lugar, algum lugar familiar, foi reiteradamente quebrada pelo que, justamente, foge à regra e dá sentido a ela: a outra cena, o infamiliar, a luz da lanterna projetada no outro porque acesa em mim, a “verdade humana” escancarada em tão impactante espetáculo.

Em pé, longos e efusivos aplausos à qualidade subversiva da arte e dos artistas. O descentramento do sujeito nas palmas que transpiravam angústia...

⁴ “All the world is a stage and we, men and women, are merely players of life” – frase que abre o monólogo de Jaques, personagem da peça “As You Like It”, de William Shakespeare.

ENTREVISTA

Mergulhados na noite da intensidade do inédito, reivindicamos meia-luz e um pouco mais de tempo. A temporalidade do psiquismo é quase sempre mais lenta que a do acontecimento. Aos poucos e porque uns com os outros, cada um foi transformando coisa em palavra. A angústia, essa moeda entalada na garganta sufocando a fala, foi podendo ser trocada e dizíamos do quanto e como fomos afetados. E, para mim, esse “exercício desejante de ação que é a linguagem” – para homenagear mais uma vez o inspirador e preciso Noll – só foi possível naquela grande roda de gente arrebatada pela arte porque não nos sentimos sós na noite da intensidade do inédito. Assim como na literatura. E na psicanálise. Alcançar, tocar o outro, e o outro em si mesmo, ver a luz da palavra investida de sentido porque há o outro, ou outros, que nos escutam, que nos assistem, que nos leem. Porque há Eros, apesar de Tânatos, há encontro, vivências que podem ser tornadas experiências. Porque há o outro, há aquilo que nos amanhece.

– SR: FREUD NOS DISSE QUE OS ESCRITORES ESTÃO À FRENTE DO SEU TEMPO, RELACIONOU A CAPACIDADE DE ESCRITA À DO BRINCAR E DO FANTASIAR. O TEMPO, NO SENTIDO QUE ELE PROPÕE, SE ENTRELAÇA, AO UNIR PASSADO, PRESENTE E FUTURO PELO FIO DO DESEJO, DIZ. COMO VOCÊ VÊ A OBRA DO ESCRITOR JOÃO GILBERTO NOLL A PARTIR DESTA PROPOSIÇÃO FREUDIANA? E PODERIA NOS CONTAR O QUE TE CHAMOU A ATENÇÃO, EM ESPECIAL, NO LIVRO E COMO PENSASTE A ADAPTAÇÃO PARA O TEATRO?

JC – Primeiramente tenho que falar da minha admiração e amizade por João Gilberto Noll. Através de um amigo em comum, nos falamos no Teatro São Pedro depois duma apresentação de *Bailei na curva*. Ele havia retornado a Porto Alegre, depois do livro *A fúria do corpo* que virou filme, cuja temática era, assim como *Bailei na curva*, a ditadura militar sob a perspectiva do olhar descentrado do poder. Desde então nos falávamos, sempre com entusiasmo, em intervalos regulares de tempo mais ou menos longos, cuja distância não alterava a troca e o clima emocional. Foi presença constante em diversas peças no ensaio geral aberto para convidados, em que partilhava comentários críticos e pertinentes.

O que me chamou atenção na obra de Noll foram as narrativas abertas, personagens errantes, atravessados de incompletude, fragmentados, cheios de hiatos, cujas mãos arranhavam a realidade como unhas na parede de cal, deixando sangue nos tijolos e tinta incrustada nas unhas. Personagens amnésicos, nômades, andarilhos movidos por impulsos inespecíficos em busca de algo que nunca se revela. Noll incorpora, ao longo de sua obra, um espírito análogo ao de Samuel Beckett, radicalmente essencial. O mundo esfíngico, Noll convocando decifração de seus enigmas.

– SR: QUAIS FORAM TUAS PRINCIPAIS INTENÇÕES/EXPECTATIVAS EM FAZER CHEGAR ESSA OBRA AO PÚBLICO COMO PEÇA TEATRAL? ACREDITA QUE ELAS TENHAM SIDO ATENDIDAS?

JC – A intenção foi fazer uma obra que falasse com as sombras. Com os fantasmas inacessíveis do mundo interno, sem nomeá-los, no entanto. Não oferecer uma leitura passiva ao espectador, mas os convocando, a partir do impacto estético provocado pela imersão na névoa obscura, a uma reconstrução (interna) da narrativa a partir de interpretação dos estímulos. Tentei traduzir o fascínio pelo texto de Noll em suas narrativas incertas e fragmentadas, de uma beleza atroz, para o palco emocional onde transitam entre os paradoxos e nossa necessidade de coerência, de dar sentido ao sem sentido. Pensei em

personagens que lutam dentro de si para descobrir o que são, quem são, como lidar, que vozes os habitam em estado de espanto e descoberta. Além disso, do ponto de vista literário, achei por bem investigar a intrigante ideia de um minioromance, um formato original composto de dez ou doze frases que se dispersam em direção a possibilidades quase infinitas. Retratando deste modo, embora precária e parcialmente, este mundo pós-moderno que evolui dentro de nós, queiramos ou não, onde as narrativas se cruzam sem que uma seja superior à outra, assim com Freud evolui na segunda tópica do inconsciente sem recusar a primeira e sem hierarquizar as conceituações. Tolerando e convindo com a diversidade teórica. Agrupando na dissonância das palavras, busquei a lógica dos contrastes, um tema que me atrai. Intrigado pela necessidade de decifrar um mundo que não se entrega em interpretações hegemônicas, mas se abre em rede de significados que desafiam o senso comum.

– SR: LUZ E SOMBRA, CLARÕES E ESCURIDÃO, NOS LEVAM A PENSAR NO RECALCADO QUE BUSCA CONTINUAMENTE SEU LUGAR NA CENA, REVELANDO A FRAGMENTAÇÃO E OS CONFLITOS DE CADA UM DE NÓS E DA NOSSA CULTURA. PODERIAS COMENTAR SOBRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO DESSA PEÇA E SUAS INTERSECÇÕES COM A PSICANÁLISE?

JC – Gosto das teorias psicanalíticas essencialmente quando elas advêm de imagens. Freud em carta para Lou Andrea Salomé escreve que devemos nos cegar artificialmente, para ver melhor e não sermos seduzidos pela luminosidade que, tal qual a imagem iluminada de Zeus, acaba por incinerar Semele, sua amante que insistiu, estimulada pela ciumenta Atena, em vê-lo na sua forma divina. Nos adverte sobre o risco de sermos vítimas do brilho violento da clareza e da compreensão de eventos em trânsito constante. Wilfred Bion em sua obra destaca esta frase acrescentando que, para isso, precisamos criar um fecho de profunda escuridão para que a luz emerja. Por contraste, a escuridão ilumina. Lacan teoriza com uma imagem poética em que o inconsciente é Baltimore ao amanhecer, na qual das névoas do amanhecer a cidade emerge das sombras. A estas referências psicanalíticas, teorias imagéticas da psicanálise, se soma a observação de um Brasil que esteve mergulhado pela escuridão mental, resistindo com laivos luminosos onde o afeto que se encerra em nosso peito juvenil não nos encerrasse, nem nos aprisione na brutalidade banal que assassina obras de arte. A psicanálise, tanto como o teatro, tem a função essencial de abrir as portas deste claustro, manter a vida em movimento de barcos, navegando o humano que se constitui na humanidade, pois como se viu, o fato de sermos humanos não nos garante que seguiremos sendo. O trabalho de se tornar não tem fim. A luta entre a escuridão e a luz é uma imagem imemorial deste entrave. Em direção incerta para o norte, utópico, seguimos tentando achar o caminho, errantes e cegos tal qual Édipos contemporâneos.